

BEATRIZ RAMOS	8
CATARINA FARINHA	10
DIOGO FERREIRA	12
DIOGO SALDANHA	14
FRANCISCO F. LOPES	18
GUILHERME PONTES	20
JOANA CABACEIRA	24
MAFALDA ANDRÉ	26
MARIA PATO	28
PEDRO SERAFIM	34
RICARDO IMPERIAL	42

USOS E APROPRIAÇÕES À SUPERFÍCIE

O projeto *À Superfície* de 2022 concretiza-se na sequência de um conjunto de ações no campo das práticas das artes colaborativas, que vêm sendo desenvolvidas na aldeia Mineira do Lousal desde 2018, firmadas numa parceria entre as Belas-Artes e o seu centro de investigação e o município de Grândola. Com o apoio das diferentes estruturas formais e não formais existentes no povoado mineiro, tem-se vindo a pensar e propor projetos de natureza escultórica na aldeia, com o objetivo de implementar e apresentar um conjunto alargado de intervenções para o espaço urbano, que levem ao enriquecimento das práticas na escultura, como ao envolvimento da comunidade no reconhecimento do valor e papel da arte na alteração positiva do ambiente urbano.

Estas ações estão a ser montadas a partir de dois eixos programáticos de forte carácter pedagógico, por um lado, a exploração das linguagens escultóricas nos seus diversos domínios, seja através dos meios tecnológicos associados à sua natureza material, ou pelo modo como a prática escultórica pode ser lida a partir da sua natureza pública, num contexto social, cultural e político muito específico.

Com já foi referido no livro do projeto de 2021, *a povoação mineira do Lousal tem a sua história ligada à exploração mineira da pirite desde o final do século XIX. O seu passado reflete-se hoje na memória de uma estrutura urbana marcada pela radical transformação da paisagem ao longo do tempo e na organização doutrinada do aglomerado residencial, fruto dos projetos de crescimento e planeamento nos anos 50, num momento da história da mina caracterizado pelo forte incremento da extração com efeitos no crescimento do povoado. (...) é formada hoje, por conjuntos habitacionais fruto do planeamento urbano ideologizado pelo Estado Novo, que foram sendo reestruturados de acordo com a organização cadastral e a renovação geracional do lugar, desde o encerramento da mina que ocorreu em 1988.*

Embora o município de Grândola e a Fundação Frédéric Velge, proprietária do complexo através da empresa SAPEC, tenham protocolado no fim do século passado, um programa de revitalização urbana e patrimonial da povoação mineira, demolindo construções e readequando um conjunto significativo de edifícios do complexo de modo a aproveitar as suas potencialidades turísticas e museológicas. Hoje, através de entidades e organizações formais e não formais que atuam no terreno, trabalha-se na procura de soluções para atuar positivamente sobre realidades socioculturais e demográficas complexas, herdeiras do fim da atividade mineira secular (Vicente, 2021).

Foi no reconhecimento desta realidade que os projetos *À Superfície* vêm envolvendo estudantes da Licenciatura de Escultura no desenvolvimento dos seus estudos como sistemas de leitura e intervenção contextualizada, procurando incrementar nos estudantes uma postura crítica e uma perspetiva socialmente ativa para a sua prática artística, envolvendo-os num contexto social e territorialmente concreto e complexo, mas contando com o apoio e participação direta e indireta de um conjunto de pessoas ligadas ao lugar de intervenção ou à prática artística em contextos de proximidade comunitária. Esta opção foi um fator importante para fomentar uma relação crítica, criativa e positiva entre os jovens artistas e um território inicialmente desconhecido, mas que os foi tomando como deles. A exposição na Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola é um complemento da instalação de obras de arte no espaço público do Lousal e no seu Museu Mineiro. A aldeia foi pensada como um lugar de várias interações, de diálogo das obras produzidas especificamente para determinados espaços, com as vivências dos seus habitantes e com a realidade urbana que as contém. São um conjunto de propostas que pressupõem diferentes abordagens e linguagens, em suportes considerados os apropriados para expressar uma ideia em diálogo com a envolvente.

As obras presentes nestas três mostras, trazem ao público uma reinterpretção do que poderão ser referências identitárias do passado mineiro da povoação. Propondo, por exemplo, interligações entre a memória arquitetónica de equipamentos agora desmantelados e ao abandono, mas que hoje ganham

um carácter simbólico e quase arqueológico. Algumas obras foram pensadas para coexistirem com estes equipamentos, devem ser lidos como uma continuidade formal e volumétrica, propondo novos sentidos e leituras simbólicas na paisagem; outras obras apresentam referências à memória das formas e modos de habitar os bairros, reconhecendo na paisagem um conjunto de marcas deixadas por casas desabitadas e degradadas. Os artistas trabalham a partir do carácter memorial que determinadas arquiteturas podem adquirir, sabendo que a obra proposta tem de ser lida a partir do enquadramento urbano que as contém, ou seja, a escultura dá sentido simbólico à ruína e a ruína dá sentido plástico à escultura; a dimensão humana do operário mineiro ganha relevo num conjunto de trabalhos aqui registados. Seja pela apropriação de elementos que indiciam a violência do trabalho mineiro, seja pela representação fragmentada do corpo — uma alusão a uma existência corpórea num espaço de cariz identitário; a alusão à dimensão paisagística e às suas formas de relacionamento com o corpo, estão presentes no peso do esmagamento que os elementos que erguem a paisagem da mina exercem sobre a experiência do corpo do observador-criador. A beleza envenenada das lagoas, ou a rocha extraída do subsolo que modela a paisagem são a matéria de exploração formal que atravessa um conjunto de obras.

A leitura das obras presentes nas três exposições, constituem-se no seu conjunto, como um resultado pedagógico de âmbito académico. Mas muito mais importante, como um passo dado na capacitação de cada artista envolvido para intervir de forma crítica sobre a realidade. Esta capacitação só é possível assumindo que a investigação através da prática da escultura se baseia num trabalho coletivo de leituras cruzadas do ambiente e do contexto de intervenção, e deste modo, levantar as questões que vão impulsionar a prática escultórica e a construção duradoura de novos discursos comuns para a mudança.



ALDEIA MINEIRA DO LOUSAL

BIBLIOTECA E ARQUIVO
DO MUNÍCIPIO DE GRÂNDOLA

MUSEU MINEIRO

Sem título
Grés branco fino
2022



“Medicamentos”

Cerâmica

2022

Em 1900, e durante os primeiros anos de funcionamento da Mina do Lousal, as condições de trabalho eram marcadas pela precariedade, refletida na falta de equipamento adequado. Os mineiros trabalhavam em tronco nu e sem botas de borracha, e notava-se a falta de assistência aos trabalhadores. Só no final dos anos 30, com a entrada da empresa belga Mines et Industries na exploração do Lousal, passou a haver uma maior consciencialização relativamente aos trabalhadores mineiros, na medida em que se começaram a criar melhores condições de vida e de trabalho.

A primeira referência a um espaço dedicado à saúde encontra-se datado de 1939, com a conclusão de uma enfermaria, farmácia e posto de socorro, serviços que são trazidos por Frédéric Velge. Gradualmente, este administrador da empresa gestora, vai realizando uma significativa reforma ao nível dos

serviços de apoio aos mineiros e respetivas famílias. Esta reforma culminou na melhoria do serviço de saúde, passando a existir um controlo médico regular dos trabalhadores, assegurado por um médico em regime permanente.

Através da consulta do inventário dos objetos museológicos realizado por Ana Fidalgo, documento que complementa a exposição permanente “Casa de Saúde”, tive acesso a mais informações não só sobre as peças que estavam expostas durante a minha visita, como mais de 150 objetos pertencentes ao acervo.

O projeto artístico realizado visa complementar a exposição, reproduzindo vários exemplares de caixas de medicamentos que não foram incluídos na exposição atual — por questões estéticas ou pelo seu estado de conservação — enriquecendo visualmente a sala da exposição.



“Teto Falso”

Chapa de aço soldada,
varões de heliação, parafusos,
vidro fundido
2021

Capacete mineiro de escala superior ao real. Procura pela representação de um objeto-lembrança, uma memória, um elemento comum a todos, que procura aludir a uma proteção coletiva — um capacete gigante, que protege vários mineiros simultaneamente. O capacete assemelha-se a uma carapaça de tartaruga, notória pela sua resistência e durabilidade. O capacete representa uma função e um conjunto de pessoas, os mineiros.

Sem estes, a mina não é mina, é apenas um buraco na rocha. Este teto falso cede com a força da mina e colapsa com os seus trabalhadores. Lousal sem mineiros, deixa de ser uma vila mineira, passa a ser somente uma vila de mineiros reformados, onde a memória é a única que ainda resiste ao passar do tempo.

Um teto falso desaba, a memória registada nos objetos e nas pessoas mantém-se de pé.



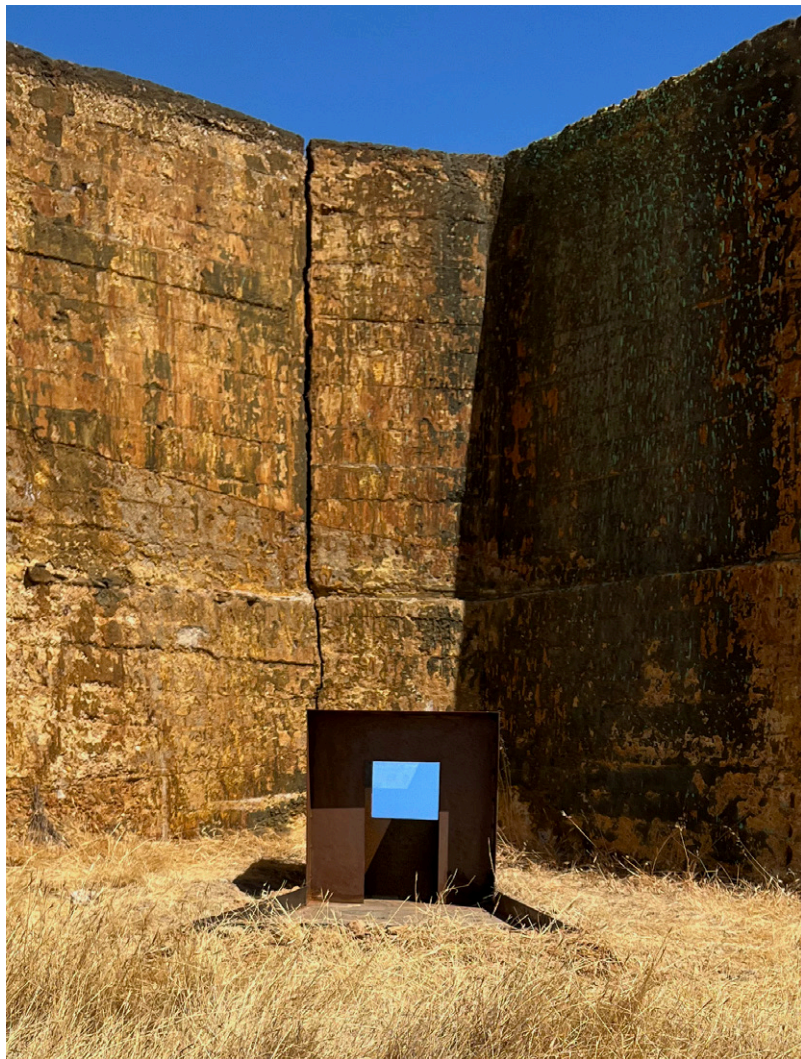
“Olho-Mina”
Metal, espelho
2021/22

“É mais difícil honrar a memória dos anónimos do que a dos famosos. A construção da história é dedicada aos anónimos.” — Frase inscrita no Memorial a Walter Benjamin em Port Bou.

O “Olho-Mina” é possível visualizar-se tanto no crepúsculo da noite como no silêncio das sombras solares. A componente fixa, uma estrutura metálica, no crepúsculo está a 80 cm do chão e na sombra está 10 cm abaixo do terreno.

O observador poderá posicionar-se no lugar onde os seus olhos podem atravessar

as aberturas, percorrer a profundidade dos espelhos e transpor as superfícies das imagens. O seu olhar move-se através das aberturas, das reflexões e das projeções das memórias fotográficas, simultaneamente o corpo pode percorrer as paisagens que se constroem à medida dos seus movimentos. Só estes sujeitos volantes podem unir, por breves momentos que sejam, a descontinuidade das ausências e do presente. Aí a memória escondida atrás do esquecimento pode deixar um rasto que permite resgatar o Lousal.



“Olho-Mina”
Projetor de slides
2021/22



“Verde função”

Composição escultórica em metal
2022

Lousal é uma Aldeia Mineira que foi construída somente com o propósito de albergar os mineiros e as suas famílias. Quando a mina ficou inativa a aldeia seguiu o mesmo caminho, transformando-se numa aldeia museu, perdendo o seu propósito inicial e a sua função. A partir daqui desenvolvi o meu trabalho, utilizando uma linguagem que sugere algo deteriorado, que já tenha tido uma função, mas que seja notória a sua inatividade nos dias de hoje como a Aldeia Mineira do Lousal. Passou a ser uma aldeia museu, para ser

visitada e tal como a escultura, não tem nenhuma função pré-concebida. Optei pelo metal por ser um material de rápido e fácil manejo para esculturas de maior dimensão. Escolhi pintar a composição para “limpar” as superfícies e facilitar a leitura das formas, usei a tinta “verde portão” não só por jogar bem com a linguagem que utilizei e ser a cor mais próxima do elevador da mina do Lousal, mas também por ser uma tinta que muitas vezes está associada a objetos com uma função determinada, como o próprio título sugere.



Sem título
Ferro
2022

É com a ampliação de uma pedra de grandes dimensões, que a execução de uma estrutura idealiza uma matéria compreendida pelas suas delimitações, cuja qual provém de um passado metafórico. A estrutura exterior da peça, sustenta simultaneamente um passado e um presente degradado.

As esculturas apresentam um aspeto expressivo e robusto pela presença da oxidação ferrosa e das escórias (carvão da solda), com a presença de buracos e saliências da irregularidade do ferro soldado. Sendo as minas o local onde é proporcionado o primeiro contacto com a matéria em bruto, nas obras esta ideia é representada através da expressividade de todo o projeto.



Sem título
Ferro, calcário, xisto
2021

No âmbito do projeto relativo à aldeia mineira do Lousal, o objetivo incide na relação do espaço físico natural, representado através das pedras, com a entidade que o envolve, representada pelo ferro. A componente ferrosa que envolve a pedra, representa todas as estruturas que se

moldam ao espaço. A extração inacabada do elemento geológico, as pedras, representa a exploração mineira. Esta relação nasce entre o cheio e o vazio, o antes e o depois, os quais são resultados da entidade que jazem no espaço físico e espiritual do Lousal.



“As memórias também respiram”
Vídeo, Blender, Premier
2022



“Uma pessoa só morre quando é esquecida”, se isto é verdade, porque não “respirar” vida para estes espaços abandonados? Estão fechados e abandonado há anos, então porquê ter as portadas de uma janela fechadas se o espaço já não é vivido? Porquê trancar uma porta se está emparedada? Porque é a memória do hábito, da vida quotidiana daqueles que outrora ali viveram.

Por aqui, o resultado foi atingido de maneira a que fossem as próprias memórias a mantê-los “vivos”, ao utilizar jogos de animação que aludissem ao batimento cardíaco e aos movimentos pulmonares, já que são estas as principais ações que mantêm o ser humano vivo.



“Sem corpo”
Tecido, gesso
2022

Ao longo destes dos dois anos de licenciatura, tenho-me dedicado ao estudo de panejamentos.

O meu objetivo com este estudo é representar uma situação ou um lugar.

Inicialmente esta obra iria ser instalada diante de uma casa abandonada para expressar o isolamento que estas pessoas vivem.

Esta obra representa a solidão que os habitantes do Lousal vivem.

Cada pano que apresento, remete a uma presença, uma pessoa, uma vida.



“Cantos”
Barro vermelho
2022

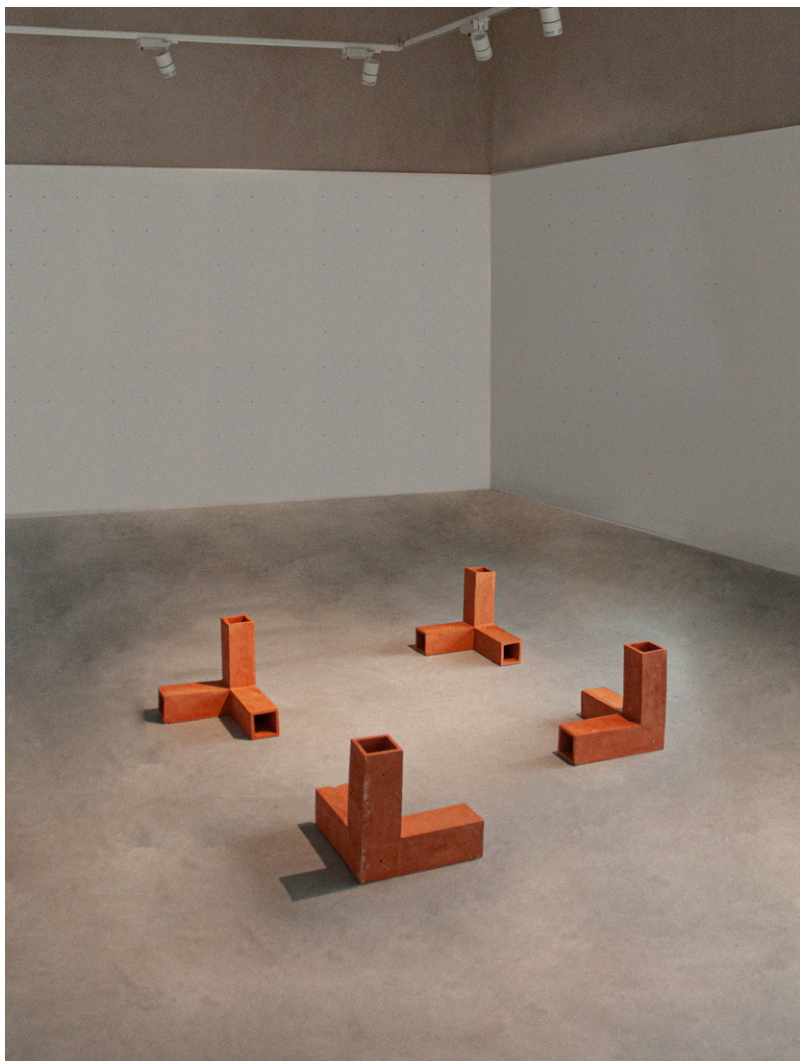
Um armazém abandonado, sem telhado, porta ou janela.

O que ficou?

As paredes de tijolo comum e uma sensação de vazio. De algo que já foi e já não é.

É partindo do tijolo e fazendo referência à sua capacidade de delimitar um espaço e perdurar no tempo que surgiram os cantos.

Estas peças idênticas e repetitivas fazem referência ao trabalho industrial característico da Aldeia do Lousal.



“Reservatório”

Varões de ferro, grés CX,
grés lilás vidrado, água

Um pote cerâmico sobre uma estrutura de ferro esguia, deixa pingar água para um prato. Esta água não cai através de um orifício, nem através de um sistema de canalização, passa antes, através do material cerâmico.

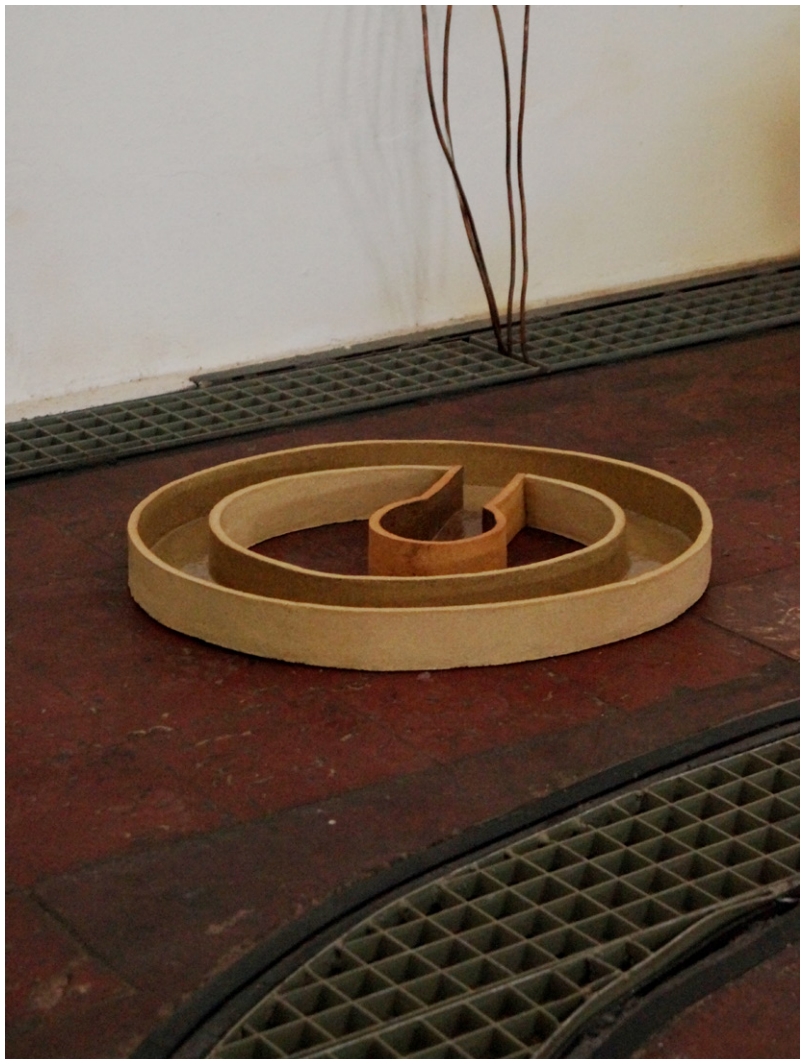
Cai lentamente. Cai só de vez em quando.

É um reservatório com uma fuga. Esta peça parte de um dos reservatórios de água da Aldeia do Lousal e faz referência à ideia de depósito, de algo quase parado, lento, que fica à espera.



“Coletor”
Grés CX vidrado, água
2021

Desenvolvi, em simultâneo,
um objeto que colhe água – um
coletor. Peça independente que
guarda de uma outra forma, uma
forma mais próxima da terra.



“ZQH”

Mármore ruivina, mármore
azul tigrado
2022

O reservatório, parte do conceito de armazenar um corpo no seu estado físico líquido, em específico a água.

A água sempre teve um papel de enorme importância em diversos aspetos, sendo até caracterizada como a mãe das matérias e a criadora de vida. É a partir dela que se formam vários tipos de organismos vivos.

Devido a toda esta importância, pretende-se elevar a água a um nível transcendente em relação ao ser humano, atribuindo-lhe um carácter sagrado.

A forma acolhe esta matéria e todo o seu significado, segundo a sua linguagem, esta pode abraçar a água, assumindo a sua vitalidade natural, sendo que, à medida que o tempo passa, a água desvanece.

Existe um contraste entre matérias, pela forma como se ligam sendo que uma matéria é mais vulnerável e se encontra dentro e protegida pela mais forte.

A água estabelece para com a pedra uma relação de pertença. A forma será também um vestígio de algo ou alguma coisa que nela esteve presente.



“Espaço Linear”
Varões de ferro
2022

Surge da conexão entre a compreensão da paisagem envolvente, e dos elementos dispersos na mesma.

Assentes sobre duas sapatas que emergem do solo, objectos com funções de suporte, apresentam-se duas estruturas lineares compostas por varões de metal.

Procurou-se dar continuidade à narrativa do local, transportando o significado da memória e da história do Lousal, para a forma das estruturas metálicas.

Segundo esta perspetiva, refletiu-se sobre o que estas formas podem representar. O seu discurso é muito mais

forte do que, somente, a possível associação a volumes concretos de betão.

À semelhança do material de construção e dos edifícios de mineração, a obra, recria um espaço, as linhas definem elas mesmas esse lugar, o volume e a forma no espaço.

Todos os componentes se interligam, dependendo de um todo, constituído pelas relações de tensão entre os elementos retilíneos e o observador.

A obra procura essencialmente, ligar a forma ao espaço e ao tempo, representando essa mesma inter-relação que existia no passado e que poderá existir no futuro.



“Morada Submersa”

Blocos de gesso com textura de pedra, pêndulo luminoso
2022

Só aquele, cuja coragem é ser mineiro, reconhece o valor de chamar à mina ‘a sua vida’. O Lousal, é caracterizado essencialmente por duas linguagens distintas, uma narrativa criada não só pela variação cromática rochosa, mas principalmente, pela textura singular da própria rocha, e das texturas e marcas criadas no solo, que por si só, adquirem quase um sentido escultórico. A pedra, para além de elemento predominante na paisagem, era fundamentalmente a matéria responsável pelo dinamismo e desenvolvimento da região. Em contrapartida, existe uma marca humana, bastante vincada no espaço, na região de extração e mineração, onde se encontram elementos estruturais metálicos, bem como edifícios construídos pelo ser humano. Essas estruturas eram também constituídas por tijolos, que obedeciam a uma disposição e sobreposição geométrica em bloco.

Em muitas outras minas, a entrada dos mineiros para o subsolo era feita através de uma escavação vertical na própria terra, à semelhança de poços. Um poço, faz refletir também sobre a necessidade do ser humano em habitar ou explorar espaços físicos, ainda que por um curto período de tempo. O espaço escultórico é criado e definido pela composição dos blocos, texturados por pedras, criando uma narrativa próxima às imagens do Lousal e a um espaço representativo de uma memória e de uma vivência do passado.

Sobre o poço, encontra-se suspenso um pêndulo luminoso, referente à presença humana no espaço e à energia que transporta os nossos corpos. Alude também para o deambular entre dois pontos da vida de um mineiro, a memória do passado e a vivência do presente. Mais do que uma mina, é ser a morada de uma vida.



“Pêndulo”

Mármore lagoa azul

2022

Através da representação da forma de uma lingueta, evocar-se o simbolismo e a memória, tanto pelo modo como era marcado o som e o tempo, mas principalmente aquilo que dá origem à vida do próprio espaço, o sino. A lingueta, é também como um pêndulo, um dispositivo constituído por uma massa puntiforme presa a um fio inextensível que oscila em torno de um ponto fixo, que executa movimentos alternados em torno da posição central. Essas forças aplicadas no objeto, resultam em mudanças ou alterações do mesmo em relação ao seu ambiente.

E é sobre essa relação associativa, entre o pêndulo e o ser humano, sendo o ser humano também uma massa corpórea, que deambula e oscila num ponto, o espaço, que através da ação do ser humano se altera,

e cria por sua vez uma memória e um tempo.

A noção de tempo só pode ter sentido se se relacionar com alguma coisa que não seja o nada. O tempo pode ser descrito segundo uma metáfora, como a sonoridade outrora evocada no espaço, uma sucessão de sons que duram e marcam a vida e o tempo, oscilam em ritmos múltiplos e harmoniosos e que depois se transformam noutros sons.

Agora numa plena quietude, estagnado no espaço, que assume a forma de pêndulo, representa um equilíbrio, entre o presente representado no espaço, e o que foi anteriormente a vida. O tempo marcado pelo espaço deixa apenas a memória daquilo que aqui existira outrora.



“Bending (II)”

Pedra mármore branco venado,
madeira, aço
2022

No Lousal refleti sobre
o que o espaço se tornará e as
alterações por que passará.
No lugar das pessoas que
outrora habitavam em relativa
abundância, há hoje um vazio
de vida imenso, preenchido por
campos de trigo selvagem,

muito vastos e dispersos.
Quis complementar a área com
a presença deste elemento,
feito a partir da forma de uma
espiga, que se misturasse e
que fluísse com o vento de uma
forma semelhante à da espiga
verdadeira.



“Behind the Wall”
Pedra calcário creme, aço
2022

Homem e Mina. Esta relação aparentando ser óbvia, interpreto-a como equivalente. O Homem e a pedra, o Homem duro, a pedra dura, o Homem esticado aos limites, a pedra esticada aos limites. Forças opostas que resistem e que de tudo fazem para não ceder. Tudo para descobrir o que está por

trás da parede que confronta o humano.

Dispus um elemento de pedra em tensão entre duas superfícies. Aqui, a pedra (que representa o Homem) é o que limita a ação de vermos ou não vermos o que está por detrás de algo.



“Da terra para a terra”
Madeira, ferro
2022

Após refletir sobre o espaço do Lousal, é óbvio o abandono. Dele advém uma sensação de que algo já foi, ou algo que era já não é, nesse espaço agora vazio. Como tal, decidi utilizar esse vazio e completá-lo com uma obra que mantivesse essa sensação.

Baseando-me na forma dos apoios estruturais utilizados no subsolo naquele local, trouxe-os à superfície, orientados quase horizontalmente, a entrar para um espaço abandonado, em ruínas, continuando assim o diálogo com o espaço.



“FURTHER”

Mármore creme – Lousal,
seixo laranja – Lousal, fio de sisal,
ferro enferrujado
2022

Na significância da energia no nosso mundo, a relação entre a natureza e a modernidade causa simbioses que por vezes se travam mutuamente.

Este trabalho parte daí, onde a natureza, através de uma tensão causada pelo fio no mecanismo da guilhotina, impede o circuito formal de se finalizar, frágil, mas, perene.



“H ≠ C”

Pedra calcário creme, ferro,
cabo de aço
2022

A pedra quando influenciada pelo Homem perde muita da estabilidade que tem intrinsecamente.

Esta obra tem como base a tensão que se acontece através do equilíbrio extremamente frágil criado pelas duas linhas de cabo de aço que apoiam as pedras na estrutura de ferro.



“MINE ON THE OTHER SIDE”

Ferro, cimento

2022

Ao relacionar um espaço mineiro com o tipo de vida de um trabalhador do meio, apercebi-me do estilo de vida cíclico que os mesmos levavam. Manifesto isso num objeto-maquete.



BEATRIZ RAMOS (MAISIE PEPPER)

2001, Barreiro. Frequentou a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, no curso de Escultura onde trabalhou maioritariamente com cerâmica.

maisiepepper@hotmail.com
@maisiepepper

CATARINA FARINHA

1999, Lisboa. Licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde desenvolveu um enorme interesse pela Cerâmica. Usufruiu de uma bolsa Erasmus+ que lhe permitiu estudar em Sarajevo durante um semestre, chegando a realizar workshops de iniciação à cerâmica em parceria com o Historical Museum of Bosnia and Herzegovina. Participou em vários concursos artísticos nacionais e conta atualmente com oito exposições coletivas.

catarinafarinha@outlook.pt
@_cathes

DIOGO FERREIRA

2000, Lisboa. Licenciado em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Especializado no uso de metais, cimento e lixo para a concessão das suas obras, o seu trabalho geralmente evoca uma sensação de destruição, declínio e/ou podridão. Em 2022 usufruiu da bolsa Erasmus+, que lhe permitiu estudar

em Sarajevo, Bósnia e Herzegovina. Participou em 2 workshops de cerâmica, com crianças dos 5 aos 13 anos, organizados nos espaços do Historical Museum of Bosnia and Herzegovina. Fez parte de uma colónia artística, onde participaram artistas bósnios e macedónios, ao longo de uma semana no castelo de Ostrozac, no norte da Bósnia. Com o sonho de um dia poder dar aulas, conta já com cerca de 10 exposições artísticas, muitas delas na sua cidade natal, Loures. Tem vindo a aprofundar conhecimentos em variados campos como Ilustração, Banda Desenhada, Fotografia, Vídeo, Gravura, Geometria, Anatomia e Pintura.

bossferreiradiodo99@gmail.com
@bisneto_de_ze_espino

DIOGO SALDANHA

1999, Lisboa. Completou o ensino secundário em gravura, na Escola Artística António Arroio. Atualmente encontra-se a terminar a licenciatura em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

diogo.m.saldanha@gmail.com

FRANCISCO FIGUEIREDO LOPES

1998, Zambujeira. Artista plástico, escultor, ceramista e pintor, formado em produção artística — cerâmica na Escola Artística António Arroio. Encontra-se a concluir a licenciatura em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Realizou uma exposição coletiva

em parceria com a Escola Artística António Arroio e com Museu Nacional do Azulejo (2019), exposição coletiva “Lost and Found” na galeria Prisma (2022), exposição coletiva na galeria da Academia de Belas-Artes de Sarajevo, BIH (2022), duas mostras nos dias abertos da Academia de Belas-Artes de Sarajevo, escultura e desenho e pintura (2022), exposição individual “WAR, PLAY, GROUND” no Museu Histórico Nacional da Bósnia e Herzegovina em Sarajevo, dinamizou ainda como formador dois workshops de cerâmica neste museu.

chaotek2323@gmail.com

@f____f____l____/

GUILHERME PONTES

2000, Lisboa. Licenciado em Escultura, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2022). Foi no Ensino Secundário que se deparou com a expressão tridimensional, e onde se confrontou com as primeiras experiências e tentativas plásticas. Aprimorou o seu trabalho durante o período académico, onde desenvolveu o gosto pela experimentação e relação peculiar entre materiais, concomitante com o equilíbrio da poesia e da prática.

ildefonsopontes@gmail.com

@ildefonsopontes

JOANA CABACEIRA

2001, Lisboa. Atualmente encontra-se no último ano da Licenciatura de Escultura, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Nunca gostou do curso, não era o que queria fazer, preferia ter ido para o curso de Arte e Multimédia do mesmo instituto, por isso, numa

tentativa de trazer a sua paixão pelas novas tecnologias e pela modelação 3D, tenta casar a escultura e o mundo virtual.

joana.cabaceira@gmail.com

MAFALDA ANDRÉ

1999, Lisboa. Atualmente encontra-se a finalizar a Licenciatura em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, com especialização em Cerâmica. O seu trabalho está relacionado com o Mar, por ser uma fonte de inspiração cromática, de formas e também de texturas e por despertar um especial interesse, admiração e ao mesmo tempo uma grande inquietação por ser tão vasto, tão explorado e, ainda assim, imensamente secreto nas suas profundezas inalcançáveis.

maf.andre@hotmail.com

@mafalda____andre

MARIA PATO

1998, Lisboa. Estudante de Escultura na Faculdade de Belas-Artes Universidade de Lisboa. Em 2020, trabalhou com assistente de cena no Teatro Aberto e, entre 2016 e 2019, frequentou o curso de Figurinos e Cenografia na Escola Artística António Arroio. Em paralelo, com o seu interesse por escultura, e em especial por escultura em cerâmica, tem vindo a aprender sobre Comunicação Não Violenta, tendo colaborado, pontualmente, em workshops de divulgação e prática desta metodologia. Pensa com as mãos e faz com o coração.

patomaria@e-belasartes.ulisboa.pt

@patomaria

1999, Lisboa. Enquanto estudante, o seu percurso académico iniciou-se frequentando a Escola Secundária Gago Coutinho, onde fez o curso de artes visuais. Atualmente encontra-se na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), no terceiro ano do curso de Escultura, com especialização no Laboratório de madeiras. Dedicava muito do seu tempo ao estudo da pedra de metal como meio para se expressar. Os seus interesses e a sua inspiração advêm da natureza e de tudo o que a rodeia. Com o intuito de elevar a natureza ao olhar reflexivo do ser humano, confere-lhe uma nova aparência sobre uma visão própria. O objetivo é que a Natureza passe a ter um papel de maior importância e relevância no mundo físico, onde o próprio, também pertence. Participou em algumas exposições coletivas, das quais de destacam as seguintes: XVII Edição do Prémio de Pintura e Escultura D. Fernando II, MU.SA, Museu de Artes de Sintra; Eles e Elas, Patio.n2; XV Edição das GAB-A, FBAUL.

pedro-sousa-7@hotmail.com
@pedrosousaserafim_art

1998, Lisboa. Licenciado em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa no ano de 2022 e estando agora a iniciar um Mestrado na mesma área. Participou em vários projetos colaborativos e individuais bem como exposições. Atualmente trabalha escultura com uma seleção vasta de materiais passando pela pedra, cimento, metal, madeira e gesso. Com interesse na área da fotografia desde criança, em adulto aprimorou esse interesse, focando-se principalmente na fotografia escultórica, de espaço e retrato. A descoberta da escultura na faculdade, levou-o a aplicar à prática fotográfica os conhecimentos que obteve na escultura, conseguindo conferir à fotografia das suas esculturas mais composição visual, formal e textural. Por outro lado, trabalha a cor da fotografia aproximando-a às intrigantes e complexas composições cromáticas da pintura.

ricardoimperialart@gmail.com
@ricardo_imperial

À SUPERFÍCIE
Aldeia Mineira do Lousal

COORDENAÇÃO
Sérgio Vicente

EXPOSIÇÃO

06—30.07.2022
Biblioteca e Arquivo
do Município de Grândola

CURADORIA
Luzia Alves

MONTAGEM
Pedro Serafim

PUBLICAÇÃO

EDIÇÃO
Centro de Investigação
e de Estudos em Belas-Artes
Universidade de Lisboa
Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa
+351 213 252 116
investigacao@belasartes.ulisboa.pt
cieba.belasartes.ulisboa.pt

DESIGN
Tomás Gouveia
Leonor Marques

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Europress

DEPÓSITO LEGAL
493995/22

TIRAGEM
150 exemplares

Lisboa, julho 2022

Este livro é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04042/2020.

b | **a**

cieba

**belas-
artes
ulisboa**

FCT

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Centro
Ciência Viva
do Lousal
Miasa-Ciência



